

# ENTRE AS TRADIÇÕES E O RESSIGNIFICAR: A ESCRITA DE PAULINA CHIZIANE EM BUSCA DA REPRESENTATIVIDADE FEMININA<sup>1</sup>

Ronaldo de Almeida Macedo<sup>2</sup>

## RESUMO

A presente pesquisa analisa a literatura *Niketche: Uma História de Poligamia*, da escritora Paulina Chiziane, cujo objetivo consistiu em estudar a condição feminina na sociedade moçambicana. Neste artigo é apresentado como a autora trabalha com as assimetrias de gênero em sua obra. A metodologia é de cunho documental e de natureza qualitativa, dividida em etapas. No primeiro momento foi realizado a leitura do livro selecionado, seguido de uma pesquisa sobre a biografia de Chiziane, o segundo passo consistiu no levantamento da bibliografia pertinente para discussão do tema e confecção do artigo. A bibliografia e a literatura foram fichadas com objetivo de sistematizar e facilitar no momento da escrita. Chiziane é uma escritora moçambicana nascida em 1955. Suas produções retratam as vivências de tempos difíceis, da esperança, do amor, da mulher, que a autora soube transferir da oralidade para o papel. Uma literatura valiosa como fonte de pesquisa, especialmente, por contribuir na percepção sobre os costumes e a organização familiar da sociedade africana, tendo como personagem principal Rami, uma mulher que vive as aflições de um casamento frustrado e que sofre ao descobrir as várias traições de seu marido. Questões culturais que envolvem a África podem ser percebidos ao longo desta narrativa. *Niketche* não é um simples romance de uma singela história de amor e traição, mas uma discussão e questionamento sobre a submissão feminina e as formas de subversão que as mulheres desenvolvem dentro uma sociedade influenciada por uma ótica patriarcal.

**Palavras-chave:** Chiziane, Paulina, 1955- - Biografia. Literatura moçambicana. Mulheres - Condições sociais. *Niketche*: uma história de poligamia - Crítica e interpretação.

## ABSTRACT

This research analyzes the literature *Niketche: A History of Polygamy*, by the writer Paulina Chiziane, whose objective is to study the female condition in Mozambican society. This article presents and analyzes how the author works with gender asymmetries in her work. The methodology is documental and qualitative in nature, divided into stages. At first, the selected book was read, followed by a research on Chiziane's biography, the second step consisted of surveying the relevant bibliography for the discussion of the topic and preparation of the article. Bibliography and literature were recorded in order to systematize and facilitate the writing. Chiziane is a Mozambican writer born in 1955. Her productions portray experiences of difficult times, of hope, love, of women, which the author knew how to transfer from orality to paper. A valuable literature as a source of research, especially for contributing to the perception of customs and family organization in African society, with Rami as the main character, a woman who lives as afflictions of a frustrated marriage and who suffers when discovering how many betrayals of your husband. Cultural, political and economic issues surrounding Africa can be seen throughout this narrative. *Niketche* is not a simple novel of a simple story of love and betrayal, but a discussion and questioning about female submission and the forms of subversion that women develop within a society influenced by a patriarchal perspective.

**Keywords:** Chiziane, Paulina, 1955- - Biography. Mozambican literature. *Niketche*: a history of polygamy - Critique and interpretation. Women - Social conditions.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Especialização Interdisciplinar em Literatura Africana de Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliane Gonçalves da Costa.

<sup>2</sup> Discente do curso de Especialização Interdisciplinar em Literatura Africana de Língua Portuguesa pela UNILAB.

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a condição feminina na sociedade moçambicana a partir da obra *Niketche: uma história de poligamia*. O objetivo consistiu em analisar a situação das mulheres em Moçambique a partir da obra de Paulina Chiziane. A literatura apresentou-se como um recurso importante para a compreensão dos costumes, cultura e realidade dessa sociedade.

O problema norteador desta pesquisa girou em torno de identificar: Como os papéis sociais de gênero foram trabalhados por Paulina Chiziane em sua obra *Niketche*? Qual a contribuição da literatura na percepção sobre os modos de vida, costumes e as relações de poder estruturantes em uma sociedade? De que forma a autora combateu as assimetrias de poder na sociedade moçambicana? Questionamentos esses que são pertinentes para refletir acerca do papel da mulher pela autora, importância e contribuição da literatura na sociedade, e o uso da literatura por Chiziane para o combate das questões de gênero.

Como fruto do seu tempo e do seu meio, a literatura, independentemente de ser ficcional ou não, reflete as influências da realidade que a circunda, do contexto em que foi produzida e isso foi perceptível ao acessar as entrevistas da escritora Chiziane. A partir de seus relatos foi possível perceber e afirmar que suas obras foram elaboradas com base em sua realidade, transparecendo as batalhas que uma mulher africana tende a enfrentar cotidianamente, as formas de resistência que a escritora desenvolveu contra o patriarcalismo a partir da escrita.

Ao pesquisar a biografia da autora foi possível conhecer seu lado militante, suas participações em organizações, seu empenho na luta pelo combate as assimetrias de gênero em seu país, principalmente através de suas produções.

O cruzamento dos dados (análise da obra) alicerçado com a bibliografia selecionada permitiu-nos inter-relacionar a escrita de Chiziane com a luta pela emancipação das mulheres, bem como seus questionamentos a hegemonia do patriarcado, os efeitos do (neo)colonialismo e capitalismo na sociedade africana.

A relevância desta pesquisa justifica-se por sua contribuição no campo do saber sobre os estudos africanos, enriquecendo os trabalhos que tem como foco a história, os costumes, a cultura e a forma como funciona as relações sociais em Moçambique.

Apesar da contribuição africana na construção do território e da nação brasileira, observou-se um desconhecimento ou desinteresse sobre a África por uma parte significativa da população brasileira, que pode ser atrelado as várias nuances (principalmente ao viés de raça),

situação essa que corrobora para a propagação de estereótipos e de práticas racistas sobre o povo negro.

Salientamos a literatura africana como um recurso de suma relevância para aprender e conhecer sobre o passado e presente de nossas/os ancestrais, sobre o continente africano, para que assim possamos conhecer sobre nossa história e combater práticas de vieses racistas, sexistas e classistas.

Em decorrência de sua linguagem ser fluída, a literatura tem o poder de seduzir as mentes, de transmitir conhecimentos, experiências, oportunizar aos sujeitos por meio da leitura o contato com a realidade social de forma envolvente.

A metodologia usada na pesquisa foi de cunho documental, analisamos o livro seguindo os seguintes critérios: leitura e fichamento da obra, informações sobre a biografia da autora e um levantamento bibliográfico, para assim estabelecer um melhor diálogo com o objeto de estudo.

O presente artigo encontra-se estruturado em dois momentos, sendo o primeiro a Revisão da Literatura e a Metodologia e o segundo o desenvolvimento: dividido em três tópicos, o primeiro teve como objetivo apresentar a biografia de Paulinia Chiziane, sua formação acadêmica, sua história de luta, de militância, seu engajamento na guerra pela libertação de Moçambique, no combate às desigualdades sociais, pela melhoria na condição feminina. Consideramos importante o conhecimento sobre a autora do livro, antes de sua produção ser submetida ao processo analítico.

O segundo tópico teve como objetivo apresentar ao leitor a sinopse da obra, para que assim se situe sobre a narrativa. A última seção teve como finalidade analisar o livro a partir trechos e citações, que foram retiradas do livro *Niketche* com objetivo de problematizá-los.

## 1.2 REVISÃO DA LITERATURA

Neste tópico salientamos alguns dos estudos que serviram de base para a confecção deste artigo e que foram fundamentais, a exemplo da contribuição de Oyěwùmí (2004), com seu artigo intitulado *Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas*. A qual discutiu sobre o conceito de gênero e de como esse foi construído e utilizado a partir de um viés europeu, salientando o problema de pesquisas que são desenvolvidas na área de gênero e que tem como base a família nuclear. Segundo a autora é preciso descolonizar os olhares, as epistemologia, analisar a cultura,

experiências, vivências africanas a partir de sua realidade, de seu sistema familiar, de sua particularidade, singularidades. É preciso pensar gênero, raça e classe.

A principal crítica a família nuclear se expressa, especialmente, por se limitar ao casal hétero (pai e mãe), a mulher é reduzida a condição de esposa submissa e mãe, enquanto o homem é colocado no centro de tudo, cabe a ele o papel de agente, dominador, obtendo diversas possibilidades de crescimento pessoal, profissional, entre outros, enquanto elas são limitadas ao espaço doméstico.

Segundo Oyěwùmí (2004), esse modelo de família, classificada como euro-americana não pode ser utilizado como um padrão universal. Isso pode ser evidenciado na citação a seguir: “A partir de uma perspectiva africana e como uma questão de fato, mães por definição não podem ser solteiras. Na maioria das culturas, a maternidade é definida como uma relação de descendência, não como uma relação sexual com um homem”. (OYĚWÙMÍ, 2004, p.6). A definição e, ou classificação de mãe solteira popularmente utilizada no Brasil não se aplica, em sua maioria a cultura africana, como bem expressa Oyěwùmí (2004), ser mãe não deve ser resumido ou limitado as relações sexuais desenvolvida.

Oyěwùmí (2004, p. 6), tem como foco de análise a sociedade Iorubá do sudoeste da Nigéria. A autora destaca que “os centros de poder dentro da família são difusos e não especificados pelo gênero. Porque o princípio organizador fundamental no seio da família é antiguidade baseada na idade relativa, e não de gênero”. Na organização familiar africana a linhagem possui um papel fundamental, não devendo ser desprezada e desvalorizada.

Salientamos também a contribuição para o desenvolvimento deste artigo da tese de Vera Fátima Gasparetto intitulada como *Corredor de Saberes: vavasati vatinhenha (mulheres heroínas) e redes de mulheres e feministas em Moçambique*. Nessa pesquisa a autora realiza uma contextualização sobre Moçambique, antes e após o processo de colonização portuguesa, os impactos e conseqüências do neoliberalismo nas estruturas da sociedade moçambicana, bem como na organização familiar e de como isso corrobora para a subalternização, opressão feminina.

Gasparetto (2019) analisa em sua pesquisa os movimentos de mulheres e feministas em Moçambique, seus engajamentos e lutas pela conquista e defesa de seus direitos, pela emancipação política em seu país, o surgimento de organizações do Fórum Mulher. A atuação feminina no mercado informal é explorada pela autora, discussão essa importante na análise da literatura, partindo de uma perspectiva decolonial, priorizando teóricas africanas/moçambicanas.

É preciso respeitar as singularidades, considerá-las, analisá-las. Corroborando para fundamentar o debate de como a hierarquização promove a desigualdade, a discriminação sempre a partir da opressão que se transforma em exclusão social.

Destacamos também os artigos: *Matripotência: Ìyá nos conceitos filosóficos e instituições sociopolíticas [Iorubás]* de Oyèrónké Oyěwùmí e *Mulherismo africana: uma visão geral* de Cleonora Hudson Weems. O primeiro texto traz contribuições na compreensão sobre os aspectos culturais da sociedade africana. O segundo corrobora com o desenrolar de discussões sobre o feminismo preto e a construção de terminologias que se adéquam melhor a realidade da mulher africana,

Quando colocamos as mulheres no centro de nosso pensamento, estamos tratando de criar uma matriz histórica e cultural da qual as mulheres possam reivindicar autonomia e independência sobre suas próprias vidas. Para as mulheres de cor, essa autonomia não pode ser alcançada em condições de opressão racial e genocídio cultural, assertiva essa que encontra respaldo na citação a seguir “Para as mulheres de cor, tal igualdade, tal empoderamento, não pode ocorrer a menos que as comunidades em que vivem possam estabelecer com sucesso sua própria integridade racial e cultural” (WEEMS, 2018, p.10). A mulher negra e pobre é vítima de demarcadores sociais como raça, classe e gênero, que não devem ser ignorados, mas considerados como categoria de análise.

Ao analisarmos a história do movimento feminista, observamos que mulheres negra não se reconheciam dentro da luta do feminismo branco, as pautas não contemplavam sua realidade por completo, por isso a formulação, elaboração de novas terminologias, como a expressa na citação abaixo,

Não é desenvolvimento nem adendo ao feminismo, o Mulherismo Africana não é o feminismo preto, o feminismo africano ou o mulherismo de Walker que algumas mulheres Africana passaram a adotar. O mulherismo Africana é uma ideologia criada e projetada para todas as mulheres de ascendência africana. Baseia-se na cultura Africana e, portanto, concentra-se necessariamente nas experiências, lutas, necessidades e desejos únicos das mulheres Africana. Aborda criticamente a dinâmica do conflito entre a corrente principal feminista, a feminista preta, a feminista africana e a mulherista africana. A conclusão é que o Mulherismo Africana e sua agenda são únicos e separados do feminismo branco e do feminismo preto, e, além disso, na medida da nomeação em particular, o mulherismo Africana difere do feminismo africano. (WEEMS, 2018, p.10).

O termo Mulherismo Africana, de sua autoria, cunhado no ano de 1987, foi renomeado como Mulherismo Preto para referir-se as afrodescendentes. Segundo Weems (2018), a criação dessa terminologia deveu-se a necessidade de analisar a situação dessas mulheres em conformidade com a sua realidade.

Para além das pesquisas apresentadas, destacamos o artigo de Paulina Chiziane intitulado como *Eu, Mulher... Por uma nova visão do mundo*. A autora teceu uma crítica a condição da mulher na sociedade, salientando as dificuldades, os entraves em ser mulher e artista em uma sociedade que direciona no caminho da marginalidade, experiências essas que foram amargamente sentidas por Chiziane e que pode ser atestado a partir de palavras a seguir: “Ser mulher e ser artista torna-se um verdadeiro escândalo. Escândalo que tive que arriscar e suportar” (CHIZIANE, 2013, p.5). Para que conseguisse realizar seu sonho como escritora, a autora teve de transgredir uma ordem vigente que buscava enquadrar e limitar ela pelo simples fato de ser mulher.

Nesse artigo a autora permitiu-nos compreender como a ótica patriarcal, o sexismo impacta a vida de mulheres africanas e de como resulta em entraves que são superados a partir da persistência, dos sonhos, da luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

Outra contribuição valiosa neste artigo é a da pesquisadora Lélia Gonzalez com os textos *Por um feminismo afrolatinoamericano e Racismo e sexismo na cultura* do livro *Primavera para as rosas negras*. As mencionadas produções foram essenciais por enriquecer o debate. Nesse tópico objetivamos apresentar, de forma breve, algumas das bibliografias fundamentais para o desenvolvimento deste artigo.

### 1.3 METODOLOGIA

Nesta pesquisa foi analisado o livro *Niketche: uma história de poligamia* da escritora Paulinia Chiziane, que no ano de 2003 recebeu o prêmio José craveirinha. Uma obra riquíssima, que transmite ao leitor informações sobre a estrutura, a organização familiar da sociedade africana. Tecendo uma verdadeira crítica a uma ótica patriarcal que oprime as mulheres e busca enquadrá-las dentro de um padrão que limita e é excludente, impedindo o desenvolvimento de sua personalidade de forma completa e livre.

A partir desse romance o leitor tem acesso os demarcadores sociais que afetam a vida dos sujeitos, a situação de vida de mulheres pobres, a situação de dependência que se encontram. Ressaltamos assim que a situação de pobreza agrava as violências de gênero, podem contribuir para que muitas mulheres sujeitem-se em relações abusivas, desgastantes, deploráveis.

O passo a passo para submissão da literatura ao processo analítico foram os seguintes:

- Primeiro foi realizado a leitura de toda obra;

- Segundo foi realizado o fichamento dos trechos que melhor expressam o objeto de estudo desta pesquisa.
- O terceiro momento centrou-se na pesquisa sobre a vida da escritora, suas motivações, engajamentos, atuações na sociedade, seu posicionamento político.
- O quarto momento baseou-se no levantamento da bibliografia e do estudo de que melhor alicerçasse o debate, que servisse de suporte para desenvolvimento da discussão.
- O quinto centrou-se na análise da fonte, do cruzamento dos dados da literatura com a bibliografia utilizada.

## **2 PAULINA CHIZIANE: BIOGRAFIA**

No ano de 2010 Chiziane foi denominada como embaixadora da paz da África, título este conferido pela União Africana (UA). (LAUREANO, 2015) A autora não se considera romancista, reconhecendo-se como contadora de histórias, também não se pensa como feminista e nega que suas produções seguem esse viés, de acordo com suas palavras “Eu sou uma mulher e falo das mulheres”, escrevendo a partir do lugar que a circunda, das histórias que presencia, que ouve, que tem contato. A escrita da autora permite contar a história de mulheres moçambicanas que foram e são silenciadas (LAUREANO, 2015).

De acordo com Eliane da Costa (2014), a escritora nasceu na Província de Gaza, no sul de Moçambique no ano de 1955. Filha de uma camponesa com um alfaiate anticolonialista, foi educada pelos seus pais a preservar e valorizar seu idioma de origem, o chope, diplomada na Escola Comercial em Maputo, estudou lingüística na Universidade Eduardo Mondlane. Aos 19 anos de idade casou e após alguns anos separou-se, cujo matrimônio teve dois filhos. Segundo Costa (2014, p.17) “Experienciou as diferenças políticas inscritas em seu país. Sua escrita traz os três tempos apresentados: o colonial, a independência e o pós-colonial”. Suas produções refletem suas experiências pessoais, profissionais e intelectuais.

Em suas entrevistas Chiziane:

Critica as lutas feministas, por parecer uma bandeira única de todas as mulheres, brancas, pretas, europeias, africanas, brasileiras e etc., Para mim que vivi entre as macuas, quando olho para as lutas feministas do mundo, eu digo-me “Mas nós tínhamos isso”. E os movimentos feministas, mesmo em Moçambique, quando lutam pelos direitos da mulher usam o modelo europeu, e não vão buscar experiências práticas provenientes da nossa própria cultura. Não diria que nós temos feminismo, mas temos uma tradição, várias tradições. Mesmo no patriarcado mais severo a mulher

tem alguns direitos. Na Europa a mulher não era nada (CHIZIANE apud GONÇALVES, 2016, s/p).

A citação acima é importante para ajudar-nos a compreender a resistência de Chiziane com o feminismo. É preciso falar-se de feminismos de forma plural, ciente que cada um possui suas especificidades e que o europeu não contempla as experiências, vivências de mulheres negras africanas. O romance *Nicheke* apresenta a diversidade da mulher dentro do próprio país, mulheres independentes, bem sucedidas, mulheres doces, mulheres amarguradas, todas essas mulheres levam as marcas do seu meio (COSTA, 2014).

“Ainda hoje, eu, que sou uma mulher velha, quando chego ao meu vilarejo tenho que me abaixar quando vejo um homem em sinal de respeito. Pode ser qualquer um, até mesmo um bêbado”. (CHIZIANE apud GONÇALVES, 2016, s/p).

Sua fala transparece a cultura do patriarcado, que coloca a figura do homem no lugar central, na posição de autoridade e de ser que merece total respeito pelo fato de ser homem. Chiziane escreve suas produções com base em sua realidade, como mulher, enfrenta as constantes adversidades cotidianas.

Segundo Costa (2014)

Os dois romances de Chiziane apontam para a necessidade de repararmos no papel da mulher na construção da identidade de uma nação. Paulina desata as vendas da tradição e da junção da cultura europeia à africana; fiandamente, une-as num mosaico reparado, semelhante à multiplicidade cultural que o compõem o próprio país. Nesse mosaico, vestimo-nos e passamos a olhar e ver. Trata-se de um mapa feminino em que suas personagens vão redesenhando lugares, espaços sociais e culturais. Pela literatura, conhecemos lugares e tradições, refletimos e reconfiguramos, pelo discurso das personagens, a cultura e a tradição desse povo e analisamos como a colonização portuguesa e a cultura europeia impuseram seus valores e marcaram a sociedade moçambicana (COSTA, 2015, p.29).

De acordo com Costa (2014), ao longo de sua jornada teve de enfrentar várias barreiras, as do patriarcado, bem como os conflitos em Moçambique.

Escrevi a primeira obra [*Baladas de Amor ao Vento*] debaixo de estrondos e ameaças de morte. Publiquei-a. Escrevi a segunda [*Ventos do Apocalipse*] debaixo do mesmo ambiente (...). Trabalhar numa atmosfera de morte é minha forma de resistir. Ninguém tem o direito de interromper os meus sonhos. (CHIZIANE apud GONÇALVES, 2016, s/p).

Seu primeiro livro foi publicado na década de 1990. Chamamos a atenção para a frase em destaque, Chiziane tinha um sonho e o concretizou, mesmo em uma atmosfera inapropriada, suas produções foram realizadas em um ambiente que não lhe proporcionava inspiração e



segurança para escrever. Sonhar é resistir, especialmente se é mulher negra em um país em zona de conflito.

Contadora de histórias, arte que aprendeu com a sua avó, publicou vários contos em jornais do seu país. São histórias que falam das vivências de tempos difíceis, da esperança, do amor, da mulher e de uma África passada e presente, que a autora soube transferir da oralidade para o papel.

Sua trajetória demonstrou uma mulher ativa nas causas sociais. Seu currículo agrega participações na Frente de Libertação de Moçambique-Frelimo, na Cruz Vermelha durante o processo de guerra civil, no Núcleo das Associações Femininas da Zambézia (NAFEZA) (LAUREANO, 2015).

Na juventude, participou ativamente da Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique). Trabalhou com a Cruz Vermelha Internacional durante a guerra civil. Após o fim do conflito, trabalhou no Núcleo das Associações Femininas da Zambézia (NAFEZA). Atualmente presta consultoria ao desenvolvimento de projetos de ajuda internacional com foco em conflitos e defesa dos direitos das mulheres. (LAUREANO, 2015).

Tornou-se a primeira mulher moçambicana a publicar um romance, quando lançou o seu primeiro livro intitulado *A Balada de Amor ao Vento*, em 1990. *Ventos do Apocalipse* (1993), *O Sétimo Juramento* (2000) e *Niketche- Uma História de Poligamia* (2002) entre outros romances da autora. Sua contribuição para pensar a condição feminina na sociedade moçambicana é inegável, sendo importante o trabalho com sua literatura, objeto de análise do deste artigo.

## 2.1 CONHECENDO A OBRA: UMA BREVE SINOPSE DE NIKETCHE- UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA

O livro *Niketche: Uma História de Poligamia*, escrito pela autora Paulina Chiziane, encontra-se estruturado em 43 capítulos, possuindo ao todo 336 páginas. Narra a história e os costumes da vida familiar africana, tendo como personagem principal Rami, uma mulher que vive as aflições de um casamento frustrado e que sofre ao descobrir as várias traições de seu marido, homem este que vive o papel de um típico machista e a ele é empregado todo o direito de disseminar e proliferar sua espécie.

Narrado em primeira pessoa, por Rami, a história inicia-se com um problema causado por Betinho, filho mais novo da personagem principal, que havia quebrado o vidro do carro de um desconhecido, situação essa que lhe acarretou problemas e acentuou a ausência de seu

esposo no lar, provocando em si vários questionamentos, levando-a a descobrir a primeira traição.

O desenrolar da história, entretanto, só acontece quando Rami descobre que está sendo traída, ela vê que seu marido Tony não tinha uma amante, mas sim famílias secundárias e a poligamia vivida por ele era algo que não concordava. Diante da ótica monogâmica, seu marido seria por direito seu, não estando em seus planos dividi-lo com outras mulheres.

Diariamente sentia falta de todos os hábitos que um casamento deveria seguir, carinho para com ela e o cuidado com seus cinco filhos. Inicialmente, ao descobrir as primeiras amantes de seu marido, culpou e condenou tais mulheres, eximindo seu Tony de toda culpa, situação essa que ganhou novos contornos no decorrer da narrativa.

Julieta é a primeira das mulheres de Tony que Rami descobriu, uma mulher do Sul, percebida como uma estudante iludida, “esta tinha unhas cuidadas e bem tratadas, cabelos bem cuidados, observa Rami que suas roupas eram feitas por uma costureira selecionada” (CHISZIANE, 2004, p.23) atribuições esta que Rami não desfrutava e que tinha uma vida muito regrada. Ao longo da conversa com Julieta, Rami percebeu que aquela mulher não era exatamente a sua rival, mas uma pobre infeliz que sofria com os tormentos da solidão, mãe de cinco filhos e a espera do sexto. No desenrolar da narrativa, Rami começa a perceber que Julieta era mais uma vítima daquela sociedade e de seu então “querido” Tony, que foi se mostrando como um completo desconhecido.

A segunda mulher conhecida por Rami foi Luisa da Zambezia, do norte de Moçambique, “região conhecida como lugar onde os homens migravam e não retornavam, por isto os que sobravam são divididos entre as muitas mulheres” (CHIZIANE, 2004,p. 55), para esta mulher, Rami representava uma ameaça. As reações descritas das mulheres pela autora são cenas ríspidas, com algumas agressões a princípio, mas que se resolve no decorrer das conversas entre elas.

Depois de várias experiências conhecendo as mulheres de seu marido, a próxima de sua lista foi Saly, pertencente ao maconde, povo do norte, de Cabo Delgado. Há uma lenda que diz que o povo maconde é descendente de uma escultura feminina que adquiriu vida, uma mulher que não levava desaforo para casa. Ao fim de conhecer mais uma das mulheres, Rami acaba tomando conhecimento de outra, a doce Mauá Salue pertencente ao povo macua, também do norte, que viviam os costumes da cultura monogâmica, mas que foi se transformado em poligâmico a partir da influência muçulmana.

Ao adquirir consciência da quantidade de mulheres que Tony tinha e enganava, Rami começou a pensar as questões da poligamia. Da mesma forma que ela começou a querer o seu

lugar, um espaço para pensar e refletir sua própria vida, ela também se deu conta da vida restrita que tinha.

No desenrolar da história percebemos um amadurecimento da personagem com a poligamia e, principalmente, nas relações desenvolvidas com as “amantes” de seu marido, percebendo a situação de fragilidade que essas mulheres também se encontravam, unindo forças com elas, reunindo-se e acordando em partilhar momentos com Tony, para dividir tarefas, suas obrigações para com ele e dele com elas.

## 2.2 NIKETCHE-UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA: UMA ANÁLISE

Neste tópico pretendemos demonstrar alguns pontos desta obra, tais como questões culturais que envolvem a África e que podem ser percebidos ao longo desta narrativa, que mostra os costumes e a diversidade cultural do povo africano. Chisziane inicia sua obra já deixando claro para o leitor o quão a mulher, tanto perante a sociedade como em relação a ela mesma é colocada em uma posição de inferioridade, sendo ela mero instrumento de pertencimento do homem, pois ele sim detém todo o direito de representante da família, isso pode ser evidenciado no trecho abaixo, retirado da literatura Niketche,

Mas onde anda o meu Tony que não vejo desde sexta-feira? Onde anda este homem que me deixou os filhos e a casa e não dá um sinal de vida? Um marido em casa é segurança é proteção, na presença de um marido os ladrões se afastam, os homens respeitam. As vizinhas não entram de qualquer maneira para pedir sal, açúcar, muito menos na casa da outra vizinha. Na presença de um marido, um lar é mais lar, tem conforto e prestígio (CHISZIANE, 2004, p.11)

Nestes primeiros capítulos a autora pontuou os costumes das mulheres do Sul da África, que tinham em seu comportamento familiar uma relação de submissão, Chiziane permitiu-nos perceber a influência da Igreja Católica no sul do continente africano, tendo uma ligação à monogamia, seu marido a tinha como seu pertence.

*Niketche* é uma obra de grande importância para se compreender a relação de poder masculino dentro da sociedade moçambicana, Chiziane ao decorrer do livro vai mostrando a partir de sua personagem que o casamento nada mais é do que um negócio para ambas as partes. Esta obra além de ser uma denúncia das formas de dominação masculina em Moçambique é uma forma de demonstrar os valores culturais desta sociedade criada sob as influências do catolicismo.

Por mais medo que Rami tivesse de enfrentar seu marido, ao descobrir que estava sendo traída, antes mesmo de saber que o marido era poligâmico, ela resolveu questioná-lo e é neste diálogo que a autora demonstra todo o machismo masculino e a superioridade:

Tony, andas a trair-me, não é? — Sim. Ganho toda a coragem e digo tudo o que sinto: falo da minha ansiedade. Ele rosna como um canino e faz cara de zangado. (...) — Traição é crime, Tony! — Traição? Não me faça rir, ah, ah, ah, ah! A pureza é masculina, e o pecado é feminino. Só as mulheres podem trair, os homens são livres, Rami. — O quê? — Por favor, deixa-me dormir[...] (CHIZIANE, 2004, p. 29)

Todo seu desdém é percebido neste diálogo, Tony é um homem completamente machista que se acha no direito de difundir sua espécie, a autora faz uso desta história para confirmar que dentro da África há toda uma diversidade cultural, onde para retratar estes acontecimentos as personagens utilizadas neste romance representam os tipos de mulheres existentes na África, mulheres estas amantes de Tony, que vai indo atrás e as conhecendo.

As mulheres que são traídas são muito bem descritas pela autora, estas, por mais que soubessem das traições, vivendo ao lado de um homem polígamo, viam-se na situação de defende-lo como sua propriedade. De forma um tanto irônica, é possível perceber ao longo da obra os medos que rondam a consciência de Rami, medo de perder seu ponto de referência dentro da sociedade, o seu nome de casada, como ela mesma colocou, sem seu cônjuge ela não era nada.

A partir desta personagem é abordada uma visão ampliada dos costumes dos diferentes povos da África, demonstrando ainda mais a forma de dominação que o homem tem dentro destas sociedades, a mulher do Sul leva seus rituais e costumes de forma mais concentrada e submissa, essa mulher não se casa apenas com seu marido, casa-se com toda sua família, já as mulheres do Norte têm influências da mulher mais independente, apesar destas mulheres dependerem financeiramente de Tony.

Rami se considerava a primeira dama, mas para não perder seu marido por completo, ela escolhe a poligamia, unindo-se à Tony e suas quatro mulheres: Julieta, Luisa, Saly e Salue. Porém, mesmo vivendo agora nos preceitos da poligamia, é descoberta uma quinta mulher, Eva, uma doutora, estudada, diretora de empresa, chefe de homens no trabalho, tem carro próprio, uma mulher integrada ao urbano, a única que não depende financeiramente de Tony.

A existência desta mulher causou um grande reboliço entre elas, mesmo sabendo que este homem estava fadado a sempre procurar outras para se saciar, não parecia pra elas uma coisa aceitável, ainda mais uma mulher como Eva, mulata, bem resolvida, independente e estéril, como argumenta a Lu (CHIZIANE, 2004, p. 137) “[...] todos os polígamos gostam de

ter uma estéril. Não cheiram a leite. Nos braços de uma mulher, enquanto nos nossos braços ele é pai, é marido [...] enquanto nós dividimos o coração pelos filhos e pelo marido, ela só pensa no seu homem [...]”.

Esta obra consegue proporcionar uma discussão muito calorosa sobre o assunto que por muitos é considerado um tabu: a poligamia, uma questão que proporciona ao leitor de diferentes culturas uma visão crítica, perceptível mesmo em um modelo de vida completamente diferente, sendo retratados a partir da ótica do casamento, os costumes ligados às relações conjugais e como a família pode ser estruturada neste meio.

A África, sendo um território com tamanha grandeza e riquezas culturais, com toda sua diversidade, desperta a curiosidade de muitos, as mulheres sul africanas têm uma relação travada com os homens muito forte, com a rigidez das influências cristãs européias. Para melhor ilustrar todos os costumes vividos, esta obra proporciona ainda uma visão de como é tratada uma mulher do sul após a morte de seu marido, ao acreditar que Tony está morto, Rami passa por todo um ritual, a mulher torna-se completamente vulnerável às imposições da família do marido.

É muito importante mostrar a concepção de vida feminina numa ótica comportamental, sem muitos direitos, vivendo sob o domínio masculino, Chiziane consegue demonstrar essa submissão, porém não transforma esta personagem nem em mártir nem em uma mulher apagada, ela é uma mulher que passa pelas angústias de muitas, não só Sul africanas, mas de muitas, tornando-se uma representação feminina.

Este livro pode ser visto não apenas como um símbolo para as mulheres, mas como um manual para homens e mulheres de diferentes regiões, para se compreender as diversas formas de organização familiar, as estruturas sociais, políticas e econômicas, pois Niketche não se prende a um romance feminino, a forma arcaica transparecida, é muita mais uma forma de se pensar as influências da colonização no território africano, herança deixada pelos europeus em sua cultura, pensando ainda o papel da mulher dentro desta sociedade completamente machista.

Chiziane não defende a poligamia, esta obra é como se fosse um grito de liberdade para estas mulheres, que lutam por sua independência financeira, destruindo a ideia de que a mulher vive em total submissão ao poder do macho, cada mulher encontrando sua própria vida. Com este estilo literário *Niketche* não é um simples romance nesta sua singela história de amor e traição, mas sim uma demonstração de valores culturais, fazendo uma denúncia a submissão feminina, desta forma representa as críticas espalhadas à sociedade de modo geral

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo evidenciou a contribuição da literatura para a compreensão de uma dada realidade, neste caso, da sociedade moçambicana, permitindo conhecer a cultura e religião de uma parte de Moçambique. A obra *Niketché* denuncia a condição feminina no sul e norte desse país, demonstrando como as relações sociais e matrimoniais são estabelecidas e mantidas, apresentando os desafios de ser mulher em um meio social que não valoriza o seu trabalho, que não a incentiva e, que privilegia os homens em detrimento das mulheres.

Chiziane tece duras críticas ao sistema patriarcal que adocece, mata, limita e condiciona as mulheres a lugares e posições sociais de dependência do marido, minando sua liberdade e independência em prol da defesa dos benefícios de um determinado grupo, no caso, o do gênero masculino.

Muito bem escrita e de leitura fluída, *Niketché*, muito mais do que uma história de poligamia e de traição, é um ensinamento sobre a importância do estabelecimento de laços femininos, da união entre mulheres. A literatura em questão permitiu perceber a condição das mulheres moçambicanas, as redes de sociabilidades desenvolvidas e a importância da desnaturalização da rivalidade feminina, essa, uma sábia artimanha utilizada durante séculos pelo sistema patriarcal e que foi inculcada e introjetada na mente de muitas mulheres, vítimas desse sistema, reprodutoras dessa representação cotidianamente, nas suas relações sociais

#### Referências

CHIZIANE, Paulina. *Niketché: uma história de Poligamia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CHIZIANE, Paulina Eu, mulher... **Por uma nova visão do mundo**. *Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, v. 5, n. 10, abr. 2013. Disponível em: [file:///C:/Users/Michele/Downloads/29695-Texto%20do%20Artigo-101786-1-10-20190809%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Michele/Downloads/29695-Texto%20do%20Artigo-101786-1-10-20190809%20(3).pdf) . Acesso em: 05 set. 2021.

COSTA, Eliane Gonçalves da. **De mitos e silêncios**: nas águas do feminino pelos romances de Paulina Chiziane. Tese (Doutorado em Letras)- Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto 2014.

GASPARETTO, Vera Fátima. **Corredor de saberes**: vavasati vatinhenha (mulheres heroínas) e redes de mulheres e feministas em Moçambique. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

GONÇALVES, Juliana. **A escrita sagrada da romancista moçambicana Paulina Chiziane: A primeira romancista de Moçambique fala sobre seus livros, a condição das mulheres em seu país e o diálogo com o Brasil.** Brasil de Fato, São Paulo, set. 2016. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/09/21/a-escrita-sagrada-da-romancista-mocambicana-paulina-chiziane>. Acesso em: 05 set. 2021.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras.** São Paulo: Filhos da África, 2018.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké **Matripotência: ÌYÁ** nos conceitos filosóficos e instituições sociopolíticas [iorubás]. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. *Matripotency: Ìyá in philosophical concepts and sociopolitical institutions. What Gender is Motherhood?* Nova Iorque: Palgrave Macmillan, cap. 3, p. 57-92. 2016. Disponível em: [https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%c3%a8r%c3%b3nk%e1%ba%b9%cc%81\\_oy%c4%9bw%c3%b9m%c3%ad\\_-\\_matripot%c3%aancia.pdf](https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%c3%a8r%c3%b3nk%e1%ba%b9%cc%81_oy%c4%9bw%c3%b9m%c3%ad_-_matripot%c3%aancia.pdf). Acesso em 05 de set. 2021.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **Conceituando o gênero:** os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução: Juliana Araújo Lopes. *Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies.* African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Serie, Dakar, v. 1, p. 1-8, 2004. Disponível em: [https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%C3%A9\\_oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD\\_-\\_conceitualizando\\_o\\_g%C3%AAnero.\\_os\\_fundamentos\\_euroc%C3%AAntrico\\_dos\\_conceitos\\_feministas\\_e\\_o\\_desafio\\_das\\_epistemologias\\_africanas.pdf](https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%C3%A9_oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD_-_conceitualizando_o_g%C3%AAnero._os_fundamentos_euroc%C3%AAntrico_dos_conceitos_feministas_e_o_desafio_das_epistemologias_africanas.pdf). Acesso em: 05 set. 2021.

WEEMS, Clenora Hudson. **Mulherismo Africana: Uma Visão Geral.** Disponível em: <https://inegalagoas.files.wordpress.com/2020/06/mulherismo-africana-cleona-hudson-weems-.pdf>. Acesso em: 05 set. 2021.